

A Grande Guerra (1914-1918) e os Boletins de Júlio Mesquita

CARLOS ROBERTO DE MELO ALMEIDA*

Além da indústria bélica, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) mobilizou aos campos de batalha também a imprensa, constituindo-se como momento propício para que os periódicos tomassem posições e adentrassem no combate em defesa de grupos e ideais. No Brasil, o jornal *O Estado de S. Paulo* não ficou ausente dos debates e das ideologias mobilizadas em torno da Guerra e apresentou aos seus leitores interpretações do conflito pela pena do seu diretor Júlio Mesquita (1862-1927). Os artigos do diretor do matutino, sob o título “Boletim Semanal da Guerra”, acompanharam os quatro anos do conflito, que se estendeu muito além do que esperavam os contemporâneos. O presente texto pretende apresentar os resultados já obtidos na pesquisa de Mestrado, financiada pela FAPESP, que realiza a análise sistemática de todos os Boletins escritos por Júlio Mesquita, com o objetivo de verificar de que maneira seus textos, produzidos no decorrer dos acontecimentos, construíram uma dada leitura da Guerra, ao sabor das transformações em curso no movimentado cenário internacional do período. Os resultados já alcançados permitiram a compreensão da postura assumida pelo *Estado*, então um dos principais jornais do país, diante da Primeira Guerra Mundial.

***Le tournant de la Guerre*¹**

O período imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial foi caracterizado, entre os mais favorecidos no continente europeu, pelo otimismo em relação ao progresso material. A *Belle Époque* colocou em evidência a urbanização e o avanço dos transportes e das novas comunicações que moldaram um mundo geograficamente menor e permitiram avanços no sentido da industrialização da vida cotidiana. Essas mudanças ofereceram a possibilidade, pelo menos para parte da população, de desfrutar de segurança e otimismo, embalados na certeza da vitória do homem sobre os obstáculos da natureza (SEVCENKO, 1998:513-619).

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Assis, bolsista FAPESP sob a orientação da Professora Doutora Tania Regina de Luca.

¹Expressão cunhada por autores que tratam do *tournant* provocado pela Primeira Guerra Mundial no recrudescimento inaudito da violência no campo de batalha, contra os prisioneiros de Guerra e contra os próprios civis dos países inimigos, conforme será exposto.

Todavia, o outro lado deste progresso crescente correspondia à uma realidade oposta: no cenário internacional, os nacionalismos e a corrida imperialista por novos mercados promoveram a distribuição da Ásia e da África entre as potências europeias, com destaque para Inglaterra, França e Bélgica. A consequente disputa entre as potências da Europa provocada pelo novo colonialismo e a tensão no próprio seio da Europa entre a França e o Império Alemão em torno da Alsácia e Lorena, foram fatores fundamentais para a deflagração da Guerra Mundial no início do século XX. A Primeira Guerra Mundial encerrou, assim, o período áureo do liberalismo na Europa oitocentista (HOBSBAWM, 1994:38).

A Grande Guerra, termo cunhado por aqueles que vivenciaram o evento, irrompeu em agosto de 1914, em razão de um conflito diplomático envolvendo a Áustria e a Sérvia, resultado do assassinato do príncipe herdeiro do trono austríaco por um jovem nacionalista sérvio. Com o final previsto até o Natal daquele mesmo ano, o conflito mobilizou os avanços tecnológicos dos quais dispunham os países beligerantes, na certeza de se alcançar uma vitória rápida nos campos de batalha. Contraditoriamente, o poder de fogo industrial nos campos de batalha lançou os soldados em trincheiras, cujos avanços eram irrelevantes diante da dimensão adquirida pelo conflito. O impasse gerado pela industrialização da Guerra prolongou o conflito de uma forma inesperada e conduziu diversas nações do globo ao seu epicentro (TUCHMAN, 1994).

O impasse das trincheiras foi o grande desafio da Primeira Guerra Mundial (BERTONHA, 2011:40-49): a estagnação nos campos de batalha obrigou as nações a lançarem mão do bloqueio naval contra a população civil do inimigo na esperança de obter a sua capitulação. A guerra submarina, a utilização de gases venenosos e líquidos inflamáveis, bem como as alterações na política interna dos países – como o estabelecimento da obrigatoriedade do serviço militar – foram os meios utilizados para romper o obstáculo das trincheiras e alcançar um avanço significativo contra o inimigo (HORNE, 2010).² Apesar disso, **apenas em somente depois de** 1917, com a deserção da Rússia revolucionária e a intervenção do poderio bélico dos Estados Unidos, os soldados puderam retomar a Guerra de movimento. As

² A partir de setembro de 1915 – e durante todo o primeiro semestre do ano de 1916 – as notícias e os telegramas publicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo* trataram do debate sobre a obrigatoriedade do serviço militar na Inglaterra. Júlio Mesquita, em seus comentários sobre a Guerra, compreendeu a mudança na política inglesa como um sacrifício em prol da paz e da vitória contra o militarismo. A cobertura do debate no Parlamento inglês foi acompanhada por notícias, na mesma página dos Boletins, a respeito da campanha então iniciada por Olavo Bilac sobre o mesmo tema no Brasil.

consequências da Guerra Mundial, portanto, abrangem tanto a ruptura no padrão de violência quanto a metamorfose geográfica e geopolítica do globo, operada pelo novo desenho do mapa europeu e das novas relações internacionais estabelecidas com o socialismo russo e a ascensão econômica dos Estados Unidos da América (BECKER, 2011).

Da Europa aos trópicos: a Guerra na imprensa brasileira

No Brasil, o conflito ocorreu num período marcado pela consolidação de mudanças pelas quais passava a sociedade desde o final do século anterior. A transição da centúria foi marcada pelas tensões em prol da efetiva implantação do regime republicano e a busca pela modernização e inserção do país no avanço tecnológico das elites europeias. No bojo da busca pela modernização, a imprensa assistiu igualmente um avanço lento mas constante, iniciado sobretudo com a modernização do maquinário e a utilização de ilustrações. As notícias da Europa, trazidas pelos cabos submarinos, possibilitaram a inserção da então recente República nos debates e projetos das elites tidas como modelos para o progresso nacional. Sobre este avanço significativo da imprensa brasileira no período escreveu Nelson W. Sodré:

Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. (...) [Essa transição] está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte. (SODRÉ, 1999:275)

Nesse contexto, durante a Primeira Guerra Mundial as páginas dos cotidianos forneciam informação do que se passava nos campos de batalha. Além disso, a Guerra foi exaustivamente debatida pela imprensa brasileira, cujo destaque aumentou com a possibilidade do envolvimento do Brasil no conflito: “Se não fossem os jornais brasileiros”, afirma Garambone, “a população estaria alijada de toda a discussão sobre entrar ou não entrar na Guerra” (GARAMBONE, 2003:107-108). Vale destacar, inclusive, que o abandono da neutralidade inicial de alguns periódicos ocorreu antes da postura governamental, o que pode indicar uma pressão, direta ou indiretamente, por parte da imprensa. A cobertura da Guerra

realizada pelos jornais brasileiros da época foi fundamental para a população e demonstra, por sua vez, o avanço da imprensa: sem a sua modernização tal empreendimento seria impensável. Conforme Juarez Bahia (2009:137), “é no curso da I Guerra Mundial que a imprensa assimila os efeitos de profundas mudanças na sociedade e nas relações dos povos com o sistema de comunicação de massa.”

Apesar disso, são escassas as investigações sobre o envolvimento de jornais e jornalistas brasileiros no conflito. Oculto sob a sombra da Segunda Guerra, o primeiro conflito mundial permanece na penumbra, mencionado apenas como causa do conflito de 1939. Dessa forma, as relações entre intelectuais e a imprensa brasileira do período com a Primeira Guerra permanecem um campo pouco explorado por nossos pesquisadores. O francês Olivier Compagnon, recentemente, ao se debruçar sobre a imprensa brasileira e argentina e as suas relações com a Guerra de 1914, indicou que o conflito foi um fator fundamental para o declínio da centralidade cultural da Europa na América Latina, o que evidencia a riqueza de informações possíveis na análise das fontes impressas do período (COMPAGNON, 2014).

O Estado de S.Paulo e a Primeira Guerra Mundial

Ainda sobre a situação do país quando do início da conflagração, é necessário destacar que nestas primeiras décadas da República a cidade de São Paulo começou a despontar e consolidar-se como potência econômica do país, de modo a refletir no papel desempenhado pela imprensa paulista, cujos jornalistas lançavam mão dos editoriais para embates na política nacional. Dessa forma, ao focar sobre a Primeira Guerra Mundial, o papel da imprensa paulista pôde ser avaliado nas considerações que Teresa Malatian teceu sobre os artigos publicados “no calor da hora” pelo então diretor e proprietário do jornal *O Estado de S.Paulo* (MALATIAN, 2013:205-219). Esse material, aliado ao lugar ocupado na imprensa paulista pelo jornalista, convidam a uma leitura mais atenta.

Estabelecido entre os principais órgãos da imprensa brasileira na época, *O Estado de S. Paulo* publicou, no decorrer dos quatro anos da Guerra, os principais telegramas da semana acompanhados pelos comentários do seu diretor Júlio Mesquita. A seção, intitulada *Boletim Semanal da Guerra*, era publicada toda segunda-feira, espécie de reportagem semanal do conflito, em que é possível entrever as transformações ocorridas no palco europeu e o modo

pelo qual o diretor do *Estado* as articulava. No seu conjunto, compõem um quadro geral que permite entrever a interpretação que *O Estado de S. Paulo* conferiu à Primeira Guerra Mundial.

Os Boletins de Júlio Mesquita apresentam-se, portanto, como fonte oportuna para a análise do desenvolvimento da Guerra sob a ótica de um importante nome da história do jornalismo brasileiro e constituem-se como fonte e objeto desta pesquisa de mestrado, a qual visa investigar como *O Estado de S. Paulo* se colocou diante daquele momento histórico, por meio da voz oficial do seu diretor. Não se trata, portanto, de uma pesquisa sobre a Primeira Guerra Mundial, mas sobre o diálogo estabelecido pelo diretor do *Estado* com o conflito e as variações e adaptações exigidas pelas circunstâncias específicas de cada ano da Guerra.³ O presente texto, à vista disso, pretende apresentar os resultados já alcançados ao longo de um ano de levantamento, sistematização e análise dos dados encontrados.

A história nas páginas do *Estado*

Fundado como *A Província de São Paulo* em janeiro de 1875, o jornal participou ativamente das batalhas políticas travadas no país. Desde sua fundação defendeu os interesses das classes que lutavam pela abolição e pela Proclamação da República. Júlio César Ferreira de Mesquita (1862-1927) assumiu a direção do jornal em 1891 e empreendeu uma revolução editorial a fim de garantir a liberdade do jornal por meio da recusa a qualquer vínculo partidário, ao apostar na renda por parte dos anunciantes e assinantes do matutino. Tal postura possibilitou que *O Estado de S. Paulo* se erigisse como órgão de oposição ao governo em sua participação ativa nos principais acontecimentos da história recente de São Paulo e do país (CALDEIRA, 2002:21-32; COSTA, 2010; DUARTE, 1977).⁴

³ O conjunto de todos os boletins veio a público em 2002 sob o título *A Guerra*, publicados pela editora Terceiro Nome em quatro volumes. A publicação do conjunto dos boletins foi celebrada na imprensa nacional e francesa (ver "Um olhar globalizante sobre a 1.ª Guerra", *O Estado de S. Paulo*, 16 de fevereiro de 2003). Cada volume apresenta o resumo dos assuntos tratados por Mesquita em cada ano, fazendo uso, inclusive, de citações suas e de especialistas sobre a Primeira Guerra Mundial com a finalidade de confirmar as impressões do diretor do *Estado*. Mesquita é apresentado como observador atento dos acontecimentos políticos e militares da guerra. Júlio Mesquita teria previsto, por exemplo, as consequências desastrosas do Tratado de Versalhes e da própria Revolução Russa. O resumo, na maioria das vezes de autoria de Fortunato Pastore, também procura apontar-lhe os erros, ao mesmo tempo em que apresenta as suas justificativas.

⁴ A relação entre o jornal e o poder estabelecido é, sem dúvida, cambiante. Na história recente do país houve momentos de alinhamento e oposição, de acordo com circunstâncias específicas.

O matutino foi objeto de várias pesquisas que evidenciaram suas potencialidades como fonte documental para a história do Brasil. O trabalho pioneiro de Maria Helena R. Capelato e Maria Lígia Prado (1980), além de demonstrar o papel da imprensa como fonte de pesquisa para os historiadores, colocou em destaque as balizas liberais dos representantes do jornal em torno de um projeto político para o país, bem como a variabilidade do liberalismo defendido pelos seus representantes.

A relação entre os intelectuais e a imprensa tem encontrado, igualmente, campo fértil no estudo do jornal. Irene Cardoso (1982), nesse sentido, mostrou como os seus representantes atuaram politicamente na criação da Universidade de São Paulo, o que coloca em relevo ainda maior o papel ativo do grupo na política e na história brasileiras. Ainda sobre a relação entre os intelectuais e o *Estado*, vale destacar a obra de Roberto Salone (2009) sobre a trajetória de Júlio Mesquita Filho e as suas relações com a política e a cultura da sua época. Dessa forma, *O Estado de S. Paulo* apresenta-se como fonte fecunda para a escrita da história da imprensa brasileira e do seu lugar na história do país.

Apesar disso, são exíguos os trabalhos sobre a atuação do matutino em face dos acontecimentos da Primeira Grande Guerra.⁵ O período caracteriza-se pela consolidação do modelo editorial e empresarial imposto ao *Estado* por Júlio Mesquita, o que lhe permitiu assumir e manter uma postura francófona declarada, apesar das consequências danosas para o jornal, e fazer críticas à neutralidade do governo. Os Boletins de Júlio Mesquita constituem-se, portanto, como fonte rica em possibilidades para a análise da postura do jornal frente ao conflito e, igualmente, para o estudo do lugar e do papel desempenhado pela imprensa brasileira no período.

⁵Não apenas para a relação entre o jornal e o conflito, mas a historiografia sobre a relação deste com o Brasil é escassa. Sobre a insuficiência de estudos sobre a Primeira Guerra no país, assevera Garambone: “A bibliografia sobre o Brasil e a Primeira Guerra, como já foi reforçado, deixa a desejar. Normalmente, o assunto está inserido em um ou outro capítulo de obras que falam exclusivamente dos tratados e das convenções diplomáticas advindos de negociações e acordos.” (GARAMBONE, Idem:26). Da mesma forma nota Pereira: “Embrenhar-se pelas teias da História do Jornalismo durante a Primeira Guerra Mundial é, ao mesmo tempo, desalentador e instigante. Desalentador porque a impressão inicial é que estamos adentrando as sendas de um limbo metodológico, onde poucos pesquisadores se aventuraram. Salvo algumas linhas (ou na melhor das hipóteses parágrafos) em alguns compêndios clássicos sobre história da imprensa e do jornalismo - como os livros de Sodré (1999) e Bahia (1990) -, não se tem quase nada sobre o assunto. Até mesmo a obra de fôlego de Barbosa (2007 e 2010) prefere pular os anos que vão de 1910 a 1920 no jornalismo brasileiro.” (PEREIRA, 2003:01).

Com o intuito de ordenar o levantamento e a sistematização das informações disponíveis na fonte, estabeleceram-se padrões de pesquisa a partir dos quais questões foram levantadas. Tal procedimento permitiu estabelecer as mudanças e permanências ao nível do discurso, em função da própria dinâmica da Guerra.

Procedimentos de pesquisa

O trabalho com a fonte foi precedido por leituras que procuraram mapear a macro história da Primeira Guerra. Dessa forma, as considerações e apontamentos de Lawrence Sondhaus (2013) foram de particular importância para estabelecer um quadro dos seus principais acontecimentos, em cuja moldura foi possível inserir cronologicamente o conjunto dos Boletins de Júlio Mesquita.

Após a realização do levantamento bibliográfico, foi elaborada tabela padrão para o mapeamento da fonte e análise textual dos Boletins, que procura dar conta dos temas tratados por Mesquita em cada semana, além de inserir o Boletim na página em que foi publicado no jornal. Para a realização desta etapa da pesquisa, foram utilizadas as páginas digitalizadas do jornal *O Estado de S. Paulo*, disponíveis em seu acervo *on line*. A tabela compreende, igualmente, a versão impressa dos Boletins em 2002, o que possibilita a comparação com as duas edições do material, de modo a perceber a relação entre ambas. Este fichamento foi realizado com todo material relativo aos Boletins de Júlio Mesquita.⁶

Finda a leitura e o fichamento de todos os Boletins publicados entre agosto de 1914 e outubro de 1918, inseridos no quadro dos principais acontecimentos da Guerra, foram elaborados relatórios para cada um dos quatro anos do conflito. A leitura dos relatórios permitiu visualizar, de uma forma global, a posição do diretor do *Estado* de acordo com as variações do cenário internacional. Por fim, a partir dos relatórios e para a sua melhor utilização, foram preparadas fichas descritivas que procuram reunir os dados reunidos em cada relatório, totalizando assim um conjunto de quatro fichas. A ficha descritiva procura trazer de forma resumida os dados apreendidos pelo relatório e destacar, em uma única página, o conteúdo de cada ano da Guerra (ver ANEXO).

⁶Para acessar o Acervo online do *Estado*, ver <http://acervo.estadao.com.br/>. Foi realizado o download de todos os Boletins disponíveis no Acervo e dispostos em pastas destinadas a cada um dos quatro anos da Guerra, para a maior facilidade na consulta.

A partir desta primeira etapa, que consistiu no mapeamento e organização de todo o material disponível, foi possível realizar uma leitura atenta dos Boletins, pontuando suas principais características à medida que a Guerra prosseguia.

O Boletim de Júlio Mesquita: análise e considerações

Iniciados em agosto de 1914 o *Boletim Semanal da Guerra* cobriu os acontecimentos da Guerra Mundial durante todas as semanas até outubro de 1918, com raras ausências. O Boletim localizava-se em quase todas as edições na terceira página do jornal, ocupando de duas a sete colunas, e dividia espaço com outras seções e publicidades e não raro com o editorial “Notas e Informações”. A estratégia gráfica do jornal era a de colocar o Boletim em destaque por meio da sua localização fixa. Os telegramas que invariavelmente o precediam lhe conferiam a impressão de verdade desejada pelos editores do jornal. Apesar de ser um artigo de opinião, é clara a pretensão do *Estado* em apresentar a sua leitura do conflito como verdadeira.

A Guerra, no entanto, converteu-se em um evento de proporção inédita, cujo fim tornara-se imprevisível. Os Boletins, escritos à medida que o conflito desenrolava-se na Europa, apresentam, assim adaptações e reformulações em sua linha de reflexão. Estas acomodações se tornaram-se evidentes por meio da comparação de cada ano:

É notável que, já no primeiro semestre dos combates, Júlio Mesquita colocasse em evidência a compreensão da Guerra como uma cruzada contra o militarismo alemão que pretendia, segundo ele, devorar a Europa. Mesquita dava como certa a vitória da França e dos seus aliados logo no início da Guerra, além de conferir ao conflito o sentido de uma cruzada da civilização liberal contra o militarismo, postura mantida no decorrer de todos os anos. Logo, ao contrário do que foi afirmado por Garambone acerca da imprensa carioca (Idem:57-63), o posicionamento do *Estado* a favor dos Aliados não foi fruto de maturação demorada, mas ocorreu de forma imediata à deflagração da Guerra. Para a manutenção do seu posicionamento, entre 1914 e 1915, Mesquita relacionou as primeiras batalhas com a Guerra de 1870, por meio da qual interpretava os avanços e recuos do exército francês e dos seus aliados. Assim, durante todo o primeiro ano do conflito, a Guerra franco-germânica de 1870 foi o principal paradigma na leitura apresentada por Mesquita a respeito das primeiras batalhas.

Ao lado da referência à guerra de Bismarck, Júlio Mesquita atribui a responsabilidade do conflito ao que ele denominava de “militarismo alemão”, em clara alusão aos combates que travava no âmbito interno por meio dos seus editoriais: as candidaturas de Hermes da Fonseca em 1910 e de Venceslau Brás em 1914, às quais igualmente lançava o laivo de *militarismo*. O imediato alinhamento do jornalista ao lado da Entente, bem como a escrita dos Boletins já em Agosto de 1914, portanto podem ser compreendidos como uma nova trincheira na política nacional em prol da Campanha Civilista.

Entre 1915-1916, por sua vez, foi possível perceber que a entrada da Itália na Guerra e a possibilidade da Grécia entrar ao lado da Alemanha conferiram aos seus comentários o tom de uma batalha em prol da “civilização ocidental”, identificada com os princípios da democracia liberal. Nesse sentido, não obstante a posição neutra adotada pelo governo brasileiro, Júlio Mesquita relaciona os ganhos e as perdas da Entente como “nossos”, identificando em uma única equação a democracia liberal com toda a nação. Vale ressaltar que neste segundo ano o número de colunas ocupadas pelo Boletim aumentou, ao ponto de ocupar até sete colunas em abril de 1916. Isto somado à frequência do editorial aponta para o aumento do destaque conferido à página.⁷

A partir de 1917 o seu posicionamento diante dos Estados Unidos foi totalmente diverso em relação ao primeiro ano do conflito, partindo da crítica em razão da lentidão em ingressar na Guerra ao completo elogio pela “prudência”.⁸ Da mesma forma, a partir desse ano os Boletins sofreram algumas modificações quanto ao suporte e o conteúdo: em fevereiro a letra dos telegramas que o precede apresenta-se menor, o que confere maior destaque aos comentários de Mesquita. O foco, por sua vez, deslocou-se para a diplomacia e para as relações internacionais, ao deixar de lado o caráter quase descritivo das operações militares

⁷ De 08 de Novembro de 1915 a 31 de Janeiro de 1916, todos os Boletins dividem a página com o editorial do *Estado*. No ano de 1916, pela primeira vez, houve semanas nas quais não foi publicado o “Boletim Semanal da Guerra”. Uma nota afirmou que a ausência se deu por motivos de ordem médica. Paulo Duarte, contudo, assegurou que esta ausência se deu pela violência da polêmica no interior do Partido Republicano Paulista, com a indicação de Altino Arantes para o governo do Estado de São Paulo, o que aponta para relação entre o papel assumido pelo jornal na política brasileira e paulista e a sua postura diante do conflito internacional.

⁸ A atitude do presidente norte-americano de intervir apenas no terceiro ano da Guerra, antes criticada, é interpretada a partir de então como “o traço característico do eminente cidadão que dirige uma democracia poderosíssima.” (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 de Fevereiro de 1918). Com a entrada dos Estados Unidos, Júlio Mesquita passou a defender que a posição dos neutros era um crime, o que acarretava a necessidade de que o Brasil entrasse no conflito. (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 de Junho de 1917).

nos campos de batalha, característico dos dois primeiros anos. Da mesma forma, e diferentemente do padrão dominante até então, Mesquita voltou-se para o futuro, na tentativa de previsão do desenrolar do conflito na Europa e no mundo.

A partir do boletim de 29 de Outubro de 1917, que exalta a declaração de guerra do governo brasileiro contra a Alemanha, nota-se na narrativa dos Boletins maior desenvoltura na defesa dos Aliados. A partir de então, alinhar-se à Entente torna-se um dever patriótico, posição já defendida por Júlio Mesquita desde Agosto de 1914. No último ano da Guerra o diretor do jornal procurou explicar o avanço alemão e a deserção da Rússia, por ele inesperada, ao passo que a contra-ofensiva dos Aliados, auxiliados pelas tropas americanas, lhe ofereceu, no entanto, a oportunidade de exaltar a sua postura.

Os Boletins encerraram-se em outubro, um mês antes do armistício, pois segundo Mesquita a Guerra já havia acabado. No que respeita à materialidade da fonte, a principal diferença nos Boletins do último ano foi o aumento da publicidade, o que parece indicar o aumento dos preços do papel devido à campanha do *Diário Alemão* contra a participação de publicidades de origem germânica nas páginas do matutino.⁹

Apesar da certeza na vitória dos Aliados que perpassa todos os artigos de Mesquita, o envolvimento de nações não europeias, a guerra submarina, a intervenção armada dos Estados Unidos e a revolução na Rússia foram novos elementos que alteraram o panorama dominante até então e demonstra o quanto a Grande Guerra rompeu com a ordem estabelecida e colocou problemas que exigiam novas respostas. Estas alterações no contexto internacional repercutiram nos artigos de Júlio Mesquita que se tornaram mais opinativos com o decorrer do tempo, em contraposição ao tom informativo dominante nos primeiros anos, conforme foi exposto.

O momento histórico, igualmente, ofereceu ao proprietário do jornal a oportunidade de debater a plausibilidade do liberalismo naquela situação específica, sem desconsiderar que a situação brasileira estava no horizonte de suas preocupações, pois compreendia a

⁹ De julho de 1917 a outubro de 1918 (período ao qual abrange o volume 4) 18 novas publicidades surgiram nas páginas nas quais foram publicadas o Boletim Semanal da Guerra. Algumas delas permaneceram no decorrer dos meses como “Luto elegante – Fazendas pretas”, enquanto outras como “Confeitaria Pinoni” tiveram um aparecimento meramente efêmero. O impacto do boicote contra *O Estado de S. Paulo* já se faz sentir no início das hostilidades: em 1913, o lucro do jornal foi de 502 contos e em 1914, de apenas 178 contos. E essa baixa se deu por conta da publicidade (*O Estado de S. Paulo*, Suplemento do Centenário, n. 1 de 04 de janeiro de 1975).

participação do país como necessária para a sua inserção na nova conjuntura internacional que iria emergir no pós-Guerra, com a vitória certa da França. Podemos afirmar, assim, que a postura do jornal diante do conflito europeu estava essencialmente vinculada ao seu projeto político, que visava a implantação de um modelo liberal para o Brasil. Nesse sentido, vale lembrar que a publicação da versão vespertina do jornal, conhecida como *Estadinho*, e o lançamento da *Revista do Brasil*, que visava apresentar um projeto para a nação, deram-se no bojo do período que compreende a Primeira Guerra Mundial (DE LUCA, 2011).

Considerações finais e questões propostas

Em resumo, o mapeamento e análise da fonte, que já foi realizado, fez emergir sua historicidade e os problemas intrínsecos à ação editorial (seleção, leitura de mundo e subjetividade), o que exigiu a verticalização operada pela análise sistemática e o cruzamento de informações acerca do jornal, seu diretor e contextos interno e externo do momento. Estas questões constituíram-se como ponto de partida desta pesquisa, que tem permitido compreender o modo como a Guerra foi exposta aos leitores do jornal, bem como as modificações resultantes dessa escritura.

Algumas questões, contudo, seguem como desafio: o caso da relação entre o conteúdo dos Boletins e as fontes utilizadas para a sua escrita, ou seja, trata-se de identificar o que Júlio Mesquita tinha à sua disposição como proprietário de um dos principais matutinos da época e que *tratamento* e *seleção* operou, tarefa difícil de ser realizada, mas certamente instigante.

Até o momento, a pesquisa permitiu identificar o lugar reservado ao Brasil no interior dos Boletins e caracterizar a linha editorial seguida pelo jornal no que respeita ao conflito, de modo a evidenciar o papel ativo da imprensa durante a Primeira Guerra Mundial.

ANEXO

Título	Relatório – <i>Boletins Semanais da Guerra</i>
Ano	Volume 1 (1914-1915)

Data*	06/08/1914 – 05/07/1915
Qtde. (OESP)	48
Qtde. (2002)	47
Descrição	<i>Localização:</i> 3ª página do OESP, raras exceções. <i>Na página:</i> Notícias do Rio, Notícias Diversas, Notícias de Minas e, algumas vezes, o editorial Notas e Informações. <i>Iconografia:</i> fotografias referentes ao tema tratado pelo Boletim ou pelas demais seções presentes na página. <i>Dimensão:</i> 2 colunas, alcançando 4 neste primeiro ano.
Notas gerais	a) Posição pró-aliada: destaque para a invasão da Bélgica para provar a violência alemã; em dezembro, diante do ataque iniciado pelo <i>Diário Alemão</i>, M. Argumenta contra aqueles que denunciam sua posição pró-aliada. b) Característica textual: passagem de um caráter informativo dos primeiros (até fins de 1914) ao mais opinativo, no qual as ironias e os rótulos de “selvagem” dirigidos aos alemães são mais freqüentes; c) EUA: A possível intervenção norte-americana começa a surgir no início de 1915 com a crise instaurada pelo naufrágio do Lusitânia; d) Brasil: O envolvimento do Brasil no conflito é mencionado apenas uma vez: 1º de março de 1915.
Conteúdo	Júlio Mesquita encara a Guerra como uma cruzada contra o militarismo alemão que pretende devorar a Europa e, quiçá, o mundo. Sua confiança na vitória Aliada permanece durante todo o primeiro ano do conflito, na medida em que se esforçou para enquadrar seus recuos e perdas em uma moldura segundo a qual são insignificantes ou apenas estratégicas. A estratégia narrativa de Mesquita é colocar as derrotas dos Aliados em um panorama mais amplo, seja espacial – visualizando todas as frentes de batalha da Guerra –, seja temporal – visualizando a história recente da Europa, da qual pôde retirar exemplos de aparentes derrotas que se converteram em vitórias. Nesse sentido, durante este ano a guerra de 1870 retorna ao texto frequentemente, com a finalidade de convencer o leitor de que na presente Guerra os reveses do exército aliado, vistos em um quadro mais amplo, ou são de pouca importância ou converter-se-ão em vitórias. Mesquita destaca três fatos essenciais que, no seu entender, garantem a vitória certa dos Aliados: a intervenção inglesa, a batalha do Marne a declaração de guerra da Itália às Potências Centrais.

*A data toma como referência o recorte temporal da edição de 2002.

Bibliografia

- BAHIA, Benedito Juarez. *Dicionário de jornalismo Juarez Bahia: século XX*. Rio de Janeiro, Mauad, 2010.
- _____. *História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BECKER, Jean-Jacques. *O Tratado de Versalhes*. São Paulo: Editora Unesp, 2011
- CAPELATO, Maria Helena. *A ideologia liberal de O Estado de S. Paulo*. São Paulo, Tese de Mestrado, 1974.
- _____. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____.; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia: O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980
- CARDOSO, Irene. *A universidade da comunhão paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1982.
- Centenário de Júlio de Mesquita*. São Paulo: Anhambi, 1964.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (trad. de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes). São Paulo: Imprensa Oficial: Ed. da UNESP, 1998.
- _____. *A história cultural: entre práticas e representações* (trad. de Maria Manuela Galhardo). Rio de Janeiro: Difel, 1988.
- COIMBRA, O. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 1993.
- COMPAGNON, Olivier. "Si loin, si proche... La Première Guerre mondiale dans la presse argentine et brésilienne". In LAMARRE, Jean et DELEUZE, Magali (dir.). *L'envers de la médaille. Guerres, témoignages et représentation. Actes du colloque tenu au collège militaire royal du Canada de Kingston en mars 2006*. Québec: Presses de l'Université du Laval, 2007, p. 77-91. Disponível em: http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/13/33/46/PDF/Si_loin_si_proche.pdf Acesso em: 31-01-2014.
- _____. *L'adieu à l'Europe: L'Amérique latine et la Grande Guerre*. Paris: Fayard, col. L'épreuve de l'histoire, 2013.
- COSTA, Alexandre Andrade da. *Caleidoscópio político: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo (1938-1945)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

- DARNTON, Robert. *A Questão dos Livros: presente, passado e futuro*. Tradução: Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- _____. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org). *Fontes históricas*. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.
- DUARTE, Paulo. *Júlio Mesquita*. São Paulo : HUCITEC : Secretaria da Cultura, Ciencia e Tecnologia, 1977
- FERRO, Marc. *La Gran Guerra*. Madrid: Alianza Editorial, 1970.
- GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004, p. 14-40.
- MALATIAN, Teresa. A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os Boletins de Guerra do jornal *O Estado de S. Paulo* (1914-1918). *Patrimônio e Memória*. São Paulo: Unesp, v. 9, n. 2, p. 205-219, julho-dezembro, 2013.
- MESQUITA, J. *A Guerra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2002. 4v.
- MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003
- NOVAIS, Fernando A. (coord. Geral); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida privada no Brasil: república*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PEREIRA, Aline Andrade. A imprensa durante a Primeira Guerra Mundial e a organização das notícias: do título à manchete. *Jornal Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia*, N. 6, p. XX, fev. de 2003.
- PORTO, Sérgio Dayrell. *O Jornal: da forma ao sentido* (trad. de Sérgio Grossi Porto). Brasília: Ed. da UnB, 2002.
- ROMANCINI, Richard e LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.
- SALONE, Roberto. *Irredutivelmente liberal: política e cultura na trajetória de Júlio de Mesquita Filho*. São Paulo: Albatroz, 2009.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. Ed. [atualizada]. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2013.
- TEIXEIRA, Nuno Severino (coord.). *Portugal e a Guerra. História das intervenções militares portuguesas nos grandes conflitos mundiais séculos XIX e XX*, Lisboa, Edições Colibri, 1998.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. *“Um brinde aos assinantes!”: os Almanques do jornal O Estado de S. Paulo (1896, 1916, 1940)*. Dissertação (Mestrado em História) – FCL/Unesp, Assis. 2010.

TUCHMAN, Bárbara W. *A prática da História*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

_____. *Canhões de Agosto*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1994.

_____. *A Torre do Orgulho: um retrato do mundo antes da Grande Guerra, 1890-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.